

Ética, bioética e responsabilidade

Raul Marino Jr.

Há poucos dias, uma de minhas colegas perguntou-me algo preocupante: “Qual é a diferença entre ética, moral e bioética?”. Eis que respondi: “*Ética* é a parte da filosofia que estuda como devemos agir uns com os outros, outras espécies e sistemas naturais. É a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. A *moral*, por sua vez, é um sistema de normas, princípios e valores, fatos sociais que se verificam apenas nas sociedades: é o objeto da ética. Trata-se da arte de viver bem como homem e o modo de usar bem a sua liberdade. Por fim, a *bioética* — ou ética da vida — é a ética das aplicações dos conhecimentos da Biologia aos assuntos humanos. Biodireito é o direito à proteção da saúde com respeito e dignidade”.

Em uma sociedade pluralista e heterogênea como a que vivemos, seria fundamental a existência de valores éticos definidos que norteassem a conduta e o comportamento humano, oferecidos como modelo de vida alternativo à sociedade em geral. Há anos vivemos à procura de normas éticas relevantes, ou melhor, universais: uma ética que se aplique a todos os homens, em todos os lugares, nas mesmas circunstâncias, a todas as criaturas moralmente responsáveis, sem exceção¹. Pode-se definir ética como um conjunto de normas que regulamentam o comportamento de um grupo particular de pessoas, por exemplo, médicos, advogados, psicólogos, odontólogos — e até políticos —, entre outros. É normal que esses grupos tenham seus códigos de ética, os quais normatizam suas ações específicas,

sendo seu princípio fundamental o respeito à dignidade e à sacralidade do ser humano como sujeito atuante e autônomo, permitindo-nos entender e analisar a sua vida moral. São essas normas que mantêm a sociedade aglutinada e,



¹ MARINO JR., R. *Em busca de uma bioética global*. Princípios para uma moral mundial e universal e uma medicina mais humana. São Paulo: Hagnus, 2009.

quando afrouxadas, a comunidade e a nação começam a se desintegrar, necessitando do reforço das leis. Trata-se, portanto, de um sistema de valores morais, direitos e deveres que nos levam a ter *caráter*, mas um caráter humano ideal em suas ações e fins.

No caso específico de nossa Medicina e de nosso Direito, contamos hoje com 181 faculdades médicas e milhares de escolas de Direito que, por serem heterogêneas, lançam anualmente no mercado milhares de médicos e rúbulas diplomados pouco preparados, que irão constituir o peso-delo dessas especialidades no território nacional. Notemos que a formação médica e jurídica — destas e de outras especialidades — não contempla assuntos humanísticos, éticos, bioéticos ou morais, e disciplinas como Medicina Legal e Bioética têm sido retiradas ou não incluídas em seu currículo de ensino. Perde-se, assim, a oportunidade de adquirir em sua formação o que Max Weber denominou “ética da responsabilidade”, ou ética das consequências, boas ou más, aquela que impediria que médicos, políticos e advogados deixassem de exercer suas funções pelo bem da sociedade, senão em benefício próprio: os que não vivem para a profissão, senão da profissão ou da política, cúmplices de uma imoralidade, a qual seria a violação das leis, códigos de ética ou mandamentos, que nos revelam a verdadeira noção entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, entre o seguro e o inseguro, resultados de certa sabedoria e, portanto, não arbitrários.

A moral deve ser considerada ciência e arte: a arte de viver como um ser humano, de acordo com os costumes, usando bem sua liberdade, conforme suas leis. A bioética, também denominada ética da vida, seria, inclusive, a prática moral da Ciência e da Medicina. Ela é hoje a mais bela expressão de uma construção comum do saber perante o desafio da vida, tendo a vida e a saúde humana como objetos de estudo por meio da ética — ramo da Filosofia —, tornando-se hoje a mais vibrante área da Filosofia e da Ética Aplicada, com dimensões extrainstitucionais, permitindo-nos descortinar uma cosmovisão da vida e da morte em relação às suas finalidades, propósitos e significados, mesmo para além da vida, incluindo nesta o campo da espiritualidade, com preocupações ambientais, globais e planetárias, as quais lhe fornecem o alimento, conferindo um sentido de proteção e de defesa a essa mesma vida.

É de causar espécie que um médico, um juiz ou um membro de determinada comissão de ética consiga exarar decisão, julgamento, escolha moral, enfim, decisões de vida ou morte, por exemplo, em casos de morte cerebral, aborto, eutanásia, estupro etc., sem uma formação hoje indispensável

sobre os modernos conceitos de bioética, formação esta que lhe foi subtraída pelas suas faculdades de origem. Em certas faculdades e hospitais, a composição das comissões de ética é feita por votação, e não pelos currículos, muitas vezes vencendo aqueles que permanecem ativos nas “bocas de urna”.

A Antropologia demonstra que o homem é o único animal moral e que ele, ou é ético, ou não é homem. A Sociologia, por sua vez, expõe que nenhum homem pode ser ético ou moral sozinho — ele precisa viver entre seus semelhantes para sê-lo. Sozinho, o homem pode não saber quem ele é, nem para onde vai, nem ser responsável por seus atos.

Junte-se a isso o fato de que o nosso despreparo como bioeticistas responsáveis — a responsabilidade define a ética melhor do que toda nossa vã filosofia —, bem como a ausência da responsabilidade, que nos projeta em uma era de niilismo médico, na qual os serviços sociais de saúde governamentais e os famigerados “convênios” se multiplicam, vem transformando as ciências da vida e a nós, médicos, em instrumentos descerebrados e perigosos^{2,3,4}, escravizando os menos avisados e tornando nossa medicina objeto de lucro de uma só via, além de obrigar-nos a praticar uma medicina conforme as suas regras, contrárias a tudo aquilo que aprendemos nas boas faculdades ou que pregam nossas sociedades médicas. Enquanto nosso Senado dissolve sua Comissão de Ética e suas CPIs, por considerá-las incômodas, é triste a imagem que isso poderá representar no futuro para o Brasil, caso nos examinemos hoje como uma biópsia de um mundo ético, moral e bioético em que vivemos: ou seremos éticos e morais neste milênio que se inicia, ou não seremos nada!

² MARINO JR., R. *A religião do cérebro*. São Paulo: Gente, 2005.

³ MARINO JR., R. *Fisiologia das emoções*. São Paulo: Sarvier, 1975.

⁴ MARINO JR., R. Neuroética — uma nova extensão da bioética. *Revista Brasileira de Bioética* 2007, 3:150-156.

Raul Marino Jr.

Professor Titular e Membro Emérito de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da USP, Professor Livre-Docente de Bioética da Faculdade de Medicina da USP e Presidente do Instituto Brasileiro de Ética e Bioética (IBRAEB)



Disponível em: <http://www.sos.mcg.gov/archives/exhibits/quest/images/bedlam.jpg>

A rake's progress n. 8, William Hogarth

A decadência da psiquiatria e a epilepsia

Guido Arturo Palomba

Qual é a doença mental mais antiga da humanidade, que nunca mudou de nome e existiu até há cerca de 15 anos, quando foi alienada da nosografia psiquiátrica pelos psiquiatras filhos da CID?

Se o leitor lembrou-se dela, acertou: *epilepsia*.

Sim, a epilepsia é a mais velha doença mental, pois os antigos pensavam que o louco era um possuído pelo diabo, o qual vinha por cima e abatia o *energúmenos* (possuído), donde o nome *epi*, o que está acima; *lepsis*, abater; *epilepsia*, abater por cima.

Como ninguém gosta do diabo, até o final da Idade Média os doentes mentais eram postos à margem, alienados (*alienatio mentis*) pelas pessoas ditas normais. Chegavam ao extremo de escurraçá-los para fora dos muros das cidades ou embarcá-los na Nau dos Loucos, para que fossem despejados em terras longínquas, às quais ficavam presos não em correntes, mas à própria incapacidade de sobreviverem por si sós.

O destino dos doentes mentais começou a mudar com Johann Weyer (1515-1588), que escreveu *Da ilusão do demônio* (*De praestigiiis daemonium*), em cuja obra mostrou que

loucura não é possessão demoníaca. Disso resultou que, se não é coisa do diabo, como o indivíduo não consegue trabalhar e se autossustentar, é, portanto, vagabundagem. E, assim, o louco melhor sorte não teve: trancafiavam-nos nos antigos leprosários, posto que, combatida a lepra, estavam desocupados. Com ele, a disputar o mesmo espaço, também internados, estavam os criminosos, as prostitutas e os doentes venéreos.

Foram necessários quase trezentos anos para acabar com essa acanhada concepção, cujo marco dá-se com Philippe Pinel (1745-1826), ao desacorrentar os alienados dos quartos e dos porões de Bicêtre, separando, de vez, o doente mental de todas as outras figuras da miséria.

O hospício tornou-se uma casa de abrigo, não mais um depósito pétreo de horror e de temor. É, então, introduzida a função médica.

Porém, se o destino do alienado mental dava um grande salto e começava a melhorar, os tratamentos a que se submetiam ainda eram terríveis: Johann Reil (1759-1813) propunha aplicar aos insanos choques sensoriais intensos, como sustos, estrondos, a que chamou de *psychical method of cure*. À época, foram construídas verdadeiras engenhocas, como a cadeira giratória, adaptada por Joseph Mason Cox (1763-1818) e William Hallaram (1765-1825), que consistia em suspender o paciente, amarrado em uma cadeira ou maca, por meio de cordas fixadas no teto, à meia altura do solo e, então, procedia-se à rotação horizontal, acelerando cada vez mais até provocar vômito, vertigem e colapso circulatório, a ponto de produzir inconsciência, com ou sem convulsões. Havia outros alternativos terapêuticos, tais como purgantes, ventosas sarjadas, sedantes (ópio, morfina, hidrato de coral, cânfora) etc. Os hipnóticos barbitúricos foram sintetizados em 1863 (Bayer), mas somente identificados como tal em 1882; em 1903, passaram a ser comercializados sob o nome de Veronal, na Alemanha, e, em 1912, Gardenal, na França.

Mais cinquenta anos e um novo grande fato ocorre no destino dos doentes mentais, aliás, de grande valia: a descoberta do primeiro antipsicótico, a Clorpromazina, sintetizada por Charpentier, em 1950, e aplicada nas psicoses, além do Amplictil, em 1952, por Jean P. L. Delay (1907-1987).

A doutrina psiquiátrica desenvolvia-se, lapidava-se, e o conhecimento da mente humana atingiria o seu cume com as escolas francesa, alemã, austríaca, italiana, espanhola, brasileira e portuguesa, o que foi bem até o final dos anos 1980, quando começou a proliferação, desenfreada, da fabricação de remédios psiquiátricos e sua consequente decadência.

Quem produz, é claro, quer vender, e o método aplicado na psiquiatria é impecável, se não em ética, em eficiência: pega a todos.

Com efeito, para desbancar o antigo remédio, cujo nome está bem memorizado pelos médicos, o laboratório produtor

do novo fármaco convida, a baixo custo, certas pessoas, muitas vezes pseudocientistas, “professores universitários”, para que façam “pesquisas”. Esses “cientistas” acabam “descobrendo” que o novo fármaco serve para, por exemplo, ansiedade. No entanto, para ansiedade, até então, funcionava muito bem a benzodiazepina, e o novo fármaco não pode com ela competir, porque perde em popularidade, quiçá em eficiência. Então, cria-se uma “nova doença”: em vez de ansiedade e fobia, síndrome do pânico, associando-a ao novo fármaco (as campeãs de vendas são o transtorno bipolar e a doença de Alzheimer; para a primeira, basta estar triste para tomar remédios; para a outra, é necessário tão somente ser idoso).

São promovidos simpósios, mesas redondas e congressos, evidentemente patrocinados pelos laboratórios produtores de remédios, nos quais apenas debatem sobre a nova droga e a “nova doença”.

A esses encontros vão estudantes ou recém-formados, muitos “intimidados” pelos “cientistas” a comparecer ao evento, no qual a “nova doença” e a nova droga são o último grito da ciência.

E mais: essas reuniões são gravadas e, depois, transformadas em apostilas ou livros, que são distribuídos com as amostras grátis do remédio, pelos propagandistas do laboratório farmacêutico produtor, de consultório em consultório.

E, assim, o médico, que muitas vezes não tem tempo sequer para almoçar ou fazer um lanche com calma, lê aquela publicação como se fosse atualização científica para o bem dos pacientes, e assimila a mensagem.

Se entrar um caso novo em seu consultório, com sinais e sintomas que, porventura, possam se assemelhar ao que lhe ofereceram, o paciente é diagnosticado e medicado, respectivamente, com o nome da “nova doença” e com o remédio do momento.

E, por incrível que pareça, não para aí: essas “novas doenças” acabam entrando em grandes catálogos, como a CID (Classificação Internacional de Doenças). Esta, de tão problemática, sofreu 10 revisões, sendo certo que a 11ª está em fase avançada de gestação. Ressalte-se que coisas boas são duradouras ou perenes; as ordinárias mudam ao sabor dos fatos e dos interesses momentâneos.

Se esses catálogos fossem ficar nos seus devidos lugares, quais sejam, ser usados para fins de informática, reembolso seguro, licença-saúde ou algo do gênero, tudo bem, mas são, isso sim, tidos e usados como se fossem livros-textos de psiquiatria!

Por esse motivo, as atuais estatísticas (outra bobagem largamente usada pela psiquiatria contemporânea) dizem que 2% da população é usuária de droga; 3% de álcool; 4% tem a tal da bipolar; 7% dos idosos sofrem da doença de Alzheimer; 2,5% tem transtorno obsessivo-compulsivo; 1,5% é esquizofrênico; 2,5% sofre de síndrome do pânico; 1,5%

tem anorexia nervosa; 2% tem disfunção cerebral; 4% tem distúrbio do comportamento. Ora, somando tudo, conclui-se que 30% da população, para esses psiquiatras filhos da CID, são doentes mentais, o que vale dizer, se Vossa Senhoria, ilustre leitor, estiver conversando com mais duas pessoas e estas lhe parecerem normais, com todo o respeito e *excuses pour la honte*, o louco é o Senhor.

Corrobora esse estado de decadência da psiquiatria a proliferação de escolas de medicina, mais de uma centena de novas faculdades foram abertas nos últimos anos, a despejar milhares de médicos malformados, para os quais, já que estamos em ano da Copa do Mundo, Jasper, Krafft-Ebing, Kraepelin, Bleuler não são clássicos da psiquiatria, mas provavelmente jogadores de futebol da seleção alemã do passado; Ferrio, Cassano e Ottolenghi, da italiana; Ey e Guelfi, da francesa.

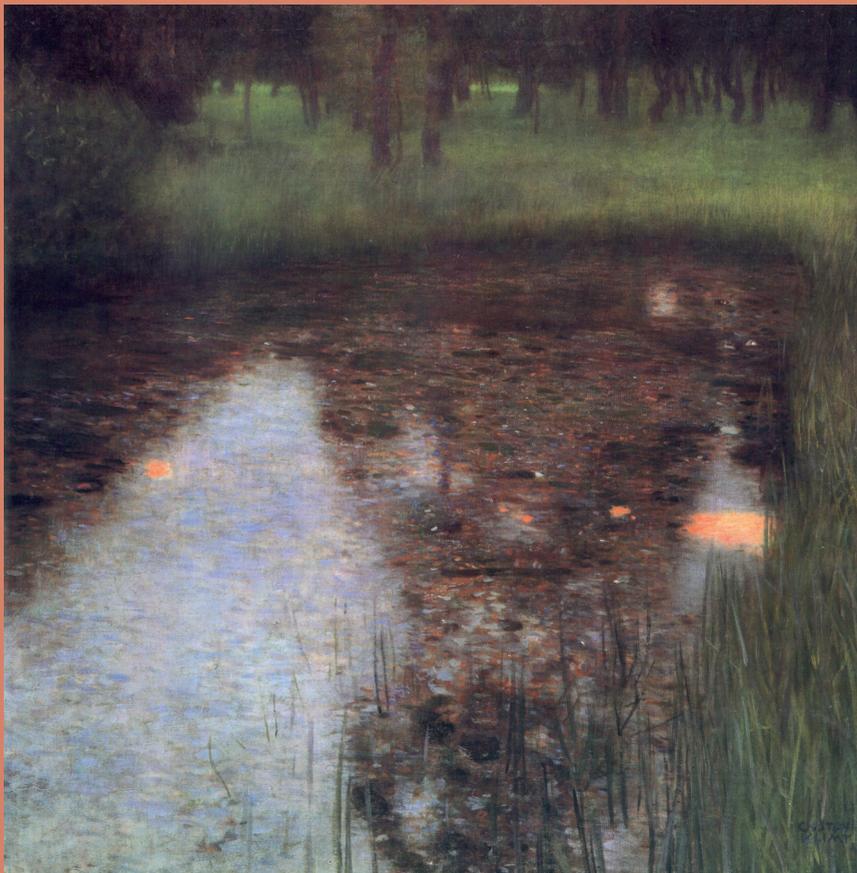
E quanto à epilepsia (citada no início deste artigo) e suas múltiplas manifestações psíquicas e comportamentais, o mais antigo e multiforme mal psiquiátrico, que jamais deixou de existir, ao menos para aqueles que se dedicam com rigor aos misteres da psique, que fim deram a ela, já que não consta desses “livros-textos” tipo CID?

A resposta parece óbvia: não há interesse dos fabricantes de remédios, que preferem investir nos “moduladores de tudo”, do humor à libido, que servem para crianças e para idosos, receitados pelas grandes vítimas da propaganda, médicos que optaram pela via do conhecimento rápido, os psiquiatras filhos da CID. Trata-se, por fim, da decadência da psiquiatria ocidental.

Guido Arturo Palomba
Psiquiatra Forense

Manhã de outubro

Antonio Amadi



Leva minha alma a nostalgia da aurora
na plúmbea alva que desperta fria
e entre soluços de trovões deplora
toda a tristeza que reveste o dia.

Calam-se as aves na ramagem fora...
O arvoredo nem sequer cícia
e a natureza penitente chora
Esta manhã de outubro tão vazia...

É toda a terra a postular-me versos,
o cantar de minha alma em sua presença,
se bem que poucos e ao léu dispersos.

Neles, meu Deus, numa euforia imensa,
Meu ser em transe para os céus projeta
o amor tremendo que me fez poeta!

Sumpf der, Gustav Klimt

Disponível em: <<http://www.zeno.org/Kunstwerke/B/Klimt,+Gustav:+Der+Sumpf>>.

Conversa entre dois bebês

José Carlos Barbuio

— E aí, mano?

— Beleza, cara?

— Ah, mais ou menos. Ando meio chateado com algumas coisas.

— Quer conversar sobre isso?

— É a minha mãe. Sei lá, ela anda falando umas coisas estranhas, me botando um terror, sabe?

— Como assim?

— Por exemplo: há alguns dias, antes de dormir, ela veio com um papo doido. Mandou eu dormir logo senão uma tal de Cuca viria me pegar. Mas eu nem sei quem é essa Cuca. O que eu fiz para essa menina querer me pegar? Você me conhece desde que eu nasci, já me viu mexer com alguém?

— Nunca.

— Pois é. Mas o pior veio depois. O papo doido continuou. Minha mãe disse que, quando a tal da Cuca viesse, eu ia estar sozinho, porque meu pai iria para a roça, e ela iria passear. Mas o que meu pai foi fazer na roça? E mais: como minha mãe foi passear se eu estava vendo-a ali na minha frente? Será que eu sou adotado, cara?

— Sabe a sua vizinha, ali da casa amarela? Minha mãe disse que ela tem uma hortinha no fundo do quintal. Planta vários legumes. Será que sua mãe não quis dizer que seu pai deu um pulo por lá?

— Hummmm, pode ser. Mas o que será que ele foi fazer lá? Vixe! Será que meu pai tem um caso com a vizinha?

— Como assim?

— Poxa, ela deixou bem claro que a minha mãe tinha ido passear. Então ela não é minha mãe. E, se meu pai foi à casa da vizinha, vai ver que os dois estão de caso. Ele passou lá, pegou-a e os dois foram passear. É isso, cara. Eu sou filho da vizinha! Só pode!

— Calma, maninho. Você está nervoso e não pode tirar conclusões precipitadas.

— Sei lá. Por um lado, pode até ser melhor assim, viu? Fiquei sabendo de umas coisas estranhas sobre a minha mãe.

— Tipo o quê?

— Ela me contou um dia desses que pegou um pau e atirou em um gato. Assim, do nada. Pura maldade, meu! Vê se isso é coisa que se faça com o bichano!



The tilled field, Joan Miró

Disponível em: <http://rusart.ca/images/miro_024full.jpg>.

— Caramba! Por que ela fez isso?

— Para matar o gato. Pura maldade mesmo. Mas parece que o gato não morreu.

— Ainda bem. Poxa, sua mãe é perturbada, cara.

— E sabe a dona Francisca ali da esquina?

— A dona Chica? Sei, sim.

— Parece que ela tava junto na hora e não fez nada. Só ficou lá, paradona, admirada, vendo o gato berrar de dor.

— Putzgrila! Esses adultos às vezes fazem cada coisa que não dá para entender.

— Pois é. Vai ver é até melhor ela não ser minha mãe, né? Ela me contou isso de boa, cantando, sabe? Como se estivesse feliz por ter feito essa selvageria. Um absurdo. E eu percebo também que ela não gosta muito de mim. Esses dias, ela ficou tentando me assustar, fazendo um monte de careta. Eu não achei legal, né? Aí ela começou a falar que ia chamar um boi da cara preta para me levar embora.

— Nossa! Com certeza, ela não é sua mãe. Nunca uma mãe faria isso com um filho.

— Mas é ruim saber que o casamento deles é essa bagunça, né? E que meu pai sai com a vizinha e tal. Apesar de eu achar que ele também leva uns chifres, sabe? Um dia, ela me contou que lá no bosque, no final da rua, mora um cara, que eu imagino que deva ser muito bonito, porque ela o chama de “Anjo”. Disse que o tal do Anjo roubou o coração dela e que, se fosse dona da rua, mandava colocar ladrilhos em tudo, só para ele poder passar desfilando e esse tipo de coisa.

— Nossa, que casamento bagunçado esse. Seria melhor separar logo.

— É, só sei que estou cansado desses papos doidos dela, sabe? Às vezes, ela fala algumas coisas sem sentindo algum. Ontem, por exemplo, veio me falar que a vizinha cria pere-reca em gaiola, cara. Vê se pode?! Só tem louco nessa rua.

— Vixe, cara. Mas a vizinha não é a sua mãe?

— Putz, é mesmo! Estou ferrado de qualquer jeito...

José Carlos Barbuio
Escritor e Advogado

Religião e Ciência

Jair Ribeiro da Silva

Sua Santidade, o Papa Bento XVI, afirma que a Teoria da Origem e Evolução das Espécies, de Charles Robert Darwin, não pode ser provada no todo e que a forma com que a vida se desenvolveu indica uma “razão divina”.

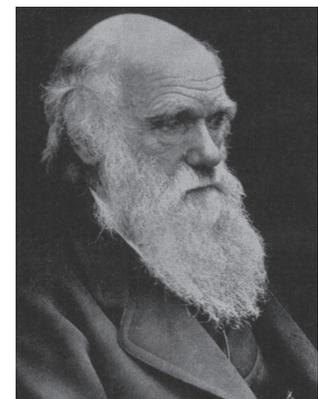
O religioso, quando olha o céu e vê a lua cheia, com aquela luz prateada em forma de disco flutuante no espaço, sente uma sensação sublime, inexplicável, superior, absoluta, poderosa, fantástica, espargindo claridade sobre a Terra. É o luar que embevece!

De outro ponto de vista, a teoria de Darwin é a síntese de um vasto campo de conhecimentos alicerçados por hipóteses testadas e comprovadas por leis e fatos científicos, evidências e experimentos.

Sem a Teoria da Origem e Evolução das Espécies, a biologia, a medicina e a biotecnologia continuariam imersas na escuridão da Idade Média.

As superbactérias resistentes e a epidemia de obesidade mórbida, além das células-tronco, com potencial para assumir a função de qualquer tecido do organismo, podendo regenerar tecidos e órgãos doentes, têm sua natureza esclarecida pelo darwinismo. Os organismos estão em lento

e constante processo de mutação, e cada grupo descende de um ancestral comum. Animais, plantas e micro-organismos têm origem de uma única vida na Terra — a ameba primitiva, segundo Darwin, visto que as espécies se diferenciam



Charles Darwin

Disponível em: <<http://www.reproductive-revolution.com/charles-darwin.jpg>>



Rest on the Flight into Egypt,
Michelangelo Merisi da Caravaggio

Disponível em: <http://freechristimages.org/images_BirthOfChrist/Rest_on_Flight_Into_Egypt_Caravaggio_1596.jpg>

e criam novas espécies, influenciadas pelo ambiente em que vivem. Nesse sentido, as mutações genéticas podem passar a seus descendentes.

O darwinismo explica tanto por que sentimos arrepios e dores como a razão de termos apendicite, dente de siso, cóccix (pequeno osso no final da coluna), de roncarmos, soluçarmos e engasgarmos. Darwin mostra que o ser humano e os macacos divergiram de um mesmo ancestral. Separados, o homem tem o seu ancestral de 4 milhões de anos, e os macacos, por sua vez, têm o seu ancestral de 4 milhões de anos. São ancestrais diferentes. Em outras palavras, o homem não descende do macaco.

Todos os seres vivos – o homem, a planta, o bacilo celular – têm sua evolução traçada desde o começo da vida sobre a Terra, havendo sobrevivência das espécies mais adaptadas ao ambiente; além disso, a cooperação entre os indivíduos é essencial para o sucesso da espécie, e a seleção natural favorece tanto os promíscuos quanto os que formam família para garantir a sobrevivência dos filhos.

Pois bem, de um lado está o Papa; de outro, Darwin. E, entre eles, aparece o biólogo americano Francis Collins, um

dos responsáveis pelo mapeamento do DNA humano, que diz: “Se Deus escolheu o mecanismo da origem e evolução de Darwin para criar a diversidade da vida sobre o planeta, é porque assim foi feito. Usar as ferramentas da ciência para discutir religião é uma atitude imprópria e equivocada. A *Bíblia* não é um livro científico. É um livro religioso”.

Não há motivo para confrontar religião com ciência em sala de aula. Quando a *Bíblia* é ensinada em aula de religião, está em local apropriado. Do mesmo modo, se a ciência é ensinada em aulas laicas, também está no lugar certo. A Igreja incute nos fiéis valores nobres, morais, éticos e cristãos, bem como perscruta os valores do mundo espiritual. A ciência, por sua vez, investiga os mistérios do mundo físico. E ambas não necessariamente se eliminam.

Enquanto o religioso, o poeta e o seresteiro olham a misteriosa lua cheia e ficam extasiados, o cientista, friamente, detém-se nas suas fases, em seu giro em volta da Terra, em sua influência sobre as marés, no sistema solar heliocêntrico, nas órbitas elípticas e na próxima viagem do homem à Lua.

Alguns religiosos ensinam que os fósseis em geral — dos dinossauros em particular — seriam de animais que não puderam embarcar na Arca de Noé e morreram durante o dilúvio bíblico, há 2.400 a.C., enquanto os cientistas datam esses fósseis de 65 milhões de anos.

O homem e a mulher modernos conciliam ciência e religião. Aos domingos, das 8h às 9h, diante da TV de 29 polegadas e controle remoto (produtos da tecnologia), participam a distância da missa da majestosa Basílica de Nossa Senhora Aparecida, ouvindo, vendo e rezando, influenciados pelos Dez Mandamentos da Lei de Deus e deslumbrados com o exemplo de profissão de fé da imensa multidão, fruto da crença em Deus.

A ciência no cérebro e a religião no coração se completam, felizmente.

Jair Ribeiro da Silva
Médico Oftalmologista

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

Cinematca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.